

Negócios

A mineradora obteve ganhos com a renegociação de contratos de frete e o acesso direto de seus supernavios aos portos chineses. A expectativa, segundo executivos, é manter o desempenho

Vale reduz custo do embarque para China e volta a ter lucro no trimestre

MINÉRIO DE FERRO

Juliana Estigarríbia
São Paulo
juliana@dc.com.br

● A Vale reduziu ainda mais o custo de embarque para a China, seu maior mercado, o que contribuiu para o resultado positivo do primeiro trimestre. A companhia garante que poderá manter ou até melhorar o desempenho no ano.

“Embora o vento não esteja favorável neste momento para negociação de frete, estamos confiantes que poderemos manter o desempenho ou até melhorá-lo”, afirmou nesta quinta-feira (28) em teleconferência com analistas o diretor executivo de finanças e relações com investidores, Luciano Siani.

A mineradora reduziu o custo do embarque do minério de ferro para a China de US\$ 31 por tonelada, no quarto trimestre de 2015, para US\$ 28 por tonelada. Em um mercado altamente acirrado, o ganho é significativo.

Siani acrescentou ainda que o fato dos supernavios da empresa – os chamados Valemax – poderem atracar nos portos chineses reduz sensivelmente os custos com frete. “Com isso, os ganhos devem aumentar daqui para frente”, destacou.

O executivo contou que a utilização da estação de transbordo nas Filipinas tem sido cada vez menor. “Temos previsão de desativar uma das duas estações no curto prazo. Com isso, eliminamos o custo de transbordo e aumentamos os ganhos.”



A empresa aposta no corte de despesas e no minério de alta qualidade para manter resultados positivos

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, destacou a queda dos custos com afretamento e a renegociação de contratos de frete como essenciais. Além disso, ele se disse otimista em relação à demanda chinesa.

“Há muito tempo não voltava tão feliz da China. A melhoria do mercado físico é visível”, observou, acrescentando que o segmento imobiliário no país asiático apresentou evolução.

Preços

Ao comentar as perspectivas negativas acerca dos preços das commodities, Ferreira afirmou que os analistas exageraram no pessimismo.

“Houve uma mudança que não foi captada pela maioria dos analistas que temos co-

nhocimento”, afirmou Ferreira.

No entanto, de acordo com o consultor da FTI Consulting, Bruno Grion, o desafio atual para as empresas do setor não é só a queda dos preços.

“A oferta em excesso, impulsionada pelo crescimento chinês, vem pressionando o mercado”, avalia. Ele acrescenta que, devido à seriedade do momento, a tendência continua de corte de gastos.

“Uma das medidas necessárias é a retração dos dividendos, o que pode desagradar aos acionistas”, disse Grion.

No entanto, Siani garantiu que o programa de corte de despesas e a conclusão neste ano do maior projeto da companhia, o S11D, devem trazer um retorno substancial.

“Vamos reduzir a dívida e voltar a pagar dividendos generosos aos nossos acionistas”, declarou o executivo.

A venda de ativos para gerar caixa também continua no radar da Vale. A companhia não descarta se desfazer de projetos totais ou parciais.

Mas o diretor associado da FTI, Sidney Gomes, atenta que a venda de ativos deve ser feita com muita cautela. “Em alguns casos, essa decisão significa diminuir o potencial produtivo e, consequentemente, competitivo”, analisa.

Contudo, executivos da mineradora são unânimes ao afirmar que a Vale continua batendo recordes de produção, e que a empresa está no caminho certo para elevar a oferta

de minério de alta qualidade. “Estamos totalmente comprometidos para reduzir a dívida líquida”, disse Ferreira.

No primeiro trimestre do ano, a Vale reportou lucro líquido de R\$ 6,3 bilhões, ante prejuízo de R\$ 9,5 bilhões registrado um ano antes.

Siani justificou o desempenho do primeiro trimestre com a valorização do real (que reduziu a dívida), corte de despesas e recordes de produção para o período em minério de ferro, pelotas, níquel e cobre.

De janeiro a março, a geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) cresceu 66% em relação ao mesmo período de 2015, para R\$ 7,8 bilhões.

R\$ 6,3 BI

● Foi o lucro líquido registrado pela companhia no primeiro trimestre do ano

R\$ 7,8 bi

● De geração de caixa medida pelo Ebitda entre janeiro e março de 2016

R\$ 22 bi

● Foi a receita operacional líquida nos três primeiros meses deste ano

Desinvestimento da Petrobras está sob risco

PETRÓLEO E GÁS

● O plano da Petrobras de vender US\$ 15,1 bilhões em ativos até o fim deste ano pode falhar por motivos que independem da empresa, como a crise econômica e política no Brasil.

“A redução sustentada dos preços do petróleo, as flutuações da taxa de câmbio, a deterioração das condições econômicas no Brasil e no mundo e a crise política interna, entre outros fatores, podem reduzir ou impedir oportunidades de vendas dos ativos ou afetar o preço de venda”, informou a Petrobras no relatório 20-F, divulgado ontem à Securities and Exchange Commission (SEC), órgão regulador do mercado financeiro dos Estados Unidos. A informação está no capítulo no qual a estatal cita incertezas às quais está sujeita e que podem afetar resultados.

Um possível insucesso no programa de desinvestimento teria efeitos sobre o plano de negócios, acrescentou, no documento. O plano de venda de ativos, somado a financiamentos, é considerado estratégico pela atual gestão, que vê na alternativa a solução para pagar dívidas, investir em reservas de petróleo e gás natural e no abastecimento do mercado interno de combustíveis. Segundo o documento, sem desinvestir, a Petrobras fica exposta a “restrições de liquidez no curto e médio prazo”, e ficar sem dinheiro para investir.

Ao mesmo tempo, a Petrobras admite que a venda de ativos pode prejudicar “os resultados operacionais no médio e longo prazos”, porque vai implicar na retração do fluxo de caixa. O desafio está em encontrar a medida certa de desinvestimento a ponto de não afetar o cumprimento de metas operacionais e de geração

de caixa. Em um cenário negativo, pode ser obrigada a vender mais ativos do que o previsto ou a investir menos. “Não podemos garantir que seremos capazes de obter, no tempo esperado, recursos e financiamentos necessários para explorar reservatórios em águas

VENDA DE ATIVOS E FINANCIAMENTO DEPENDEM DA ECONOMIA LOCAL

profundas e ultraprofundas [inclusive no pré-sal] que foram licitadas ou que possam ser concedidos no futuro”.

Por ser controlada pela União, a Petrobras é diretamente influenciada pelo contexto nacional. A empresa vai precisar de uma “ampla gama

de fontes de financiamento” para seguir adiante, mas “qualquer outra redução das notas de crédito do governo federal brasileiro pode ter consequências adversas adicionais sobre a nossa capacidade de obter financiamentos ou sobre o custo de financiamento e, consequentemente, sobre resultados operacionais e financeiros”.

Combustíveis

Como já havia feito no 20-F de 2015, a Petrobras admite que a política de preços dos combustíveis sofre interferência do governo federal. Segundo o texto, por decisão do governo, “poderá continuar a haver períodos em que os preços dos produtos não estarão em paridade com os preços internacionais”. Atualmente, a gasolina e o óleo diesel estão mais caros do que no mercado externo. Mas, por anos, os preços se mantiveram abaixo, ajudando a conter a inflação. /Estadão Conteúdo

Anglo vende negócio por US\$ 1,5 bilhão

MINERAÇÃO

● A Anglo American anunciou um acordo com a China Molybdenum (CMOC) para vender seus negócios de nióbio e fosfatos no Brasil (Goiás e São Paulo) por US\$ 1,5 bilhão.

O negócio de fosfatos é formado por uma mina, planta de beneficiamento, dois complexos químicos e dois depósitos minerais adicionais. Já a operação de nióbio conta com uma mina e três plantas de processamento, duas minas inativas no momento, dois depósitos minerais adicionais, além de escritórios no Reino Unido e Singapura. Juntos, os negócios geraram Ebitda de US\$ 146 milhões no ano passado.

O acordo está sujeito a ajustes até a conclusão da transação. /Da Redação